Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

INTERAÇÕES ENTRE TEATRO E GEOGRAFIA NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Ivaneide Silva dos Santos
ivaneide-uneb5@hotmail.com

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Secretaria Estadual de Educação da Bahia (SEE-BA).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5255-0608

Laiane Oliveira dos Santos
laianeserrolandia@gmail.com

Graduada em licenciatura em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Serrolândia/Bahia.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8283-1956

RESUMO

O artigo discute a contribuição do teatro para a prática da educação geográfica em diversos contextos sociais, por considerar que a linguagem teatral interage com a Geografia, sendo importante para a leitura e compreensão da realidade em suas múltiplas dimensões, auxiliando-nos a percebermos nosso papel na construção e transformação do mundo. O texto resulta de uma pesquisa de graduação realizada no curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, que objetivou analisar as contribuições do teatro para a apreensão de temas emergentes da Geografia, tendo como lócus de investigação o grupo de teatro Artefato, de uma cidade do interior da Bahia. A metodologia da pesquisa foi qualitativa de caráter exploratório. Também foi feita pesquisa bibliográfica, observação in loco, entrevistas, grupos focais compostos por homens, mulheres e jovens, bem com análise documental, por meio de fotografias do referido grupo de teatro. Os resultados da pesquisa nos revelam que o teatro, ao discutir temas geográficos por meio de sua ludicidade nos espetáculos, contribui para a leitura geográfica da realidade e proporciona a prática da educação geográfica, com o desenvolvimento do raciocínio e pensamento espacial, assim como a formação cidadã.

PALAVRAS-CHAVE

Teatro, Educação, Geografia, Conhecimento, Linguagens.

INTERACTIONS BETWEEN THEATER AND GEOGRAPHY IN THE PRACTICE OF GEOGRAPHIC EDUCATION

ABSTRACT

The article discusses the contribution of theater to the practice of geographic education in different social contexts, considering that theatrical language interacts with Geography, being important for reading and understanding reality in its multiple dimensions, helping us to perceive our role in the construction and transformation of the world. The text is the result of an undergraduate research carried out in the degree course in Geography at the Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, which aimed to analyze the contributions of the theater to the apprehension of emerging themes in Geography, having as a locus of investigation the group of theater Artifact, of a city in the interior of Bahia. The research methodology was qualitative and exploratory. Bibliographic research, on-site observation, interviews, focus groups composed of men, women and young people were also carried out, as well as documentary analysis, using photographs of the aforementioned theater group. The results of the research reveal that the theater, when discussing geographic themes through its playfulness in the shows, contributes to the geographic reading of reality and provides the practice of geographic education, with the development of spatial reasoning and thinking, as well as citizen formation.

KEYWORDS

Theater, Education, Geography, Knowledge, Languages.

Introdução

> Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma.
> Augusto Boal (1991)

O processo educativo humano pode se dar em diferentes espaços e de diversas formas, sendo carregado por valores, crenças e atitudes que contribuem para a compreensão de mundo de cada indivíduo. Neste cenário, a geografia desponta como um ramo do saber necessário à leitura da realidade, do ponto de vista da espacialidade dos fenômenos, sendo chamada também a ampliar, através do uso de diversas linguagens como: a música, o cinema, a literatura, o teatro, entre outras, os temas de pesquisa que estão emergindo no nosso cotidiano.

O uso dessas linguagens nos processos formativos dos indivíduos se faz necessário, pois, vivemos em uma sociedade que é bombardeada por um grande volume de informações que são apresentadas pelos meios de comunicação, assim como a escola, influenciando nossa noção de tempo e espaço e, consequentemente nossa visão de

mundo. Desta forma, as diferentes linguagens podem nos auxiliar a refletirmos de maneira crítica e produzirmos significados da realidade em diversos contextos socioespaciais.

As discussões em torno da ciência geográfica e da geografia escolar abrem caminho para uma vasta área de estudos, não apenas no espaço da sala de aula, pois, é preciso considerarmos que a geografia é uma prática social que faz parte do nosso cotidiano e a fazemos diariamente, abrangendo o nosso fazer e ser no espaço geográfico. Neste processo, outras instâncias da sociedade, como a família, Organizações não Governamentais (ONGs), associações, e demais instituições, podem contribuir para a prática da educação geográfica e a formação de cidadãos ativos, que consigam ler, agir e transformar o espaço no qual estão inseridos, como assim dizem as palavras de Augusto Boal na epígrafe que inicia este artigo.

Desta forma, este artigo busca elucidar as contribuições do teatro para a leitura geográfica da realidade, bem como a prática da educação geográfica em diferentes contextos, sobretudo no que concerne aos temas emergentes da Geografia, por considerar que estes temas estão presentes no cotidiano das pessoas e, não somente no ambiente escolar ou acadêmico. O trabalho é parte de uma pesquisa de graduação realizada no curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus IV, Jacobina, no ano de 2016, que objetivou analisar as contribuições do teatro para apreensão de temas emergentes da Geografia, tendo como lócus de investigação o grupo de teatro Artefato, da cidade de Serrolândia-Bahia. Neste artigo buscaremos responder aos seguintes questionamentos: quais as contribuições do teatro para a leitura da realidade e da prática da educação geográfica? De que forma o público dos espetáculos teatrais apreende as mensagens transmitidas e utiliza o conhecimento adquirido através das mesmas no contexto social em que está inserido?

A metodologia utilizada na pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com ênfase na contextualização e interpretação da realidade, buscando compreender as dinâmicas das relações dos fenômenos, de acordo com os enunciados discursivos dos participantes da situação estudada, por meio da realização de grupos focais com 30 pessoas, sendo 10 homens, 10 mulheres e 10 jovens. Vale salientar que a escolha destes grupos se deu pela variante de gênero e idade, e também por serem pessoas que já assistiram alguma peça teatral do grupo Artefato, pois acreditamos que "[…] os participantes do grupo focal devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que a sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas" (GATTI, 2012, p.7). Também realizamos entrevistas com 10

integrantes do grupo de teatro investigado e análise documental, por meio de vídeos e fotografias.

A pesquisa bibliográfica também foi bastante salutar, com a contribuição de autores da Educação e da ciência geográfica que discutem sobre linguagem teatral, educação não formal, educação geográfica e temas emergentes da Geografia.

Procuramos organizar nossos argumentos em três seções. A primeira seção discorre sobre a educação geográfica em espaços não escolares, tendo como ferramenta de aprendizagem as diferentes linguagens, as quais podem facilitar e dinamizar o processo de construção e apreensão do saber. A segunda seção trata da importância do teatro enquanto ferramenta para o processo educativo humano, e para a apreensão e construção de conhecimentos geográficos. Apresenta um diálogo com alguns autores que discutem a respeito da temática e as falas dos participantes da pesquisa. A terceira seção aborda as experiências do grupo de teatro Artefato da cidade de Serrolândia, Bahia com as temáticas geográficas que são abordadas nos espetáculos e demais ações do referido grupo. Por fim, nas considerações reforçamos o discurso de que o teatro contribui para a leitura geográfica da realidade e a prática da educação geográfica.

Linguagens e educação geográfica em espaços não escolares

Na sociedade atual, caracterizada pelo volume e intensidade da circulação de informações disponíveis para os indivíduos, as diferentes linguagens apresentam-se como aliadas ao processo de apreensão e construção de saberes e conhecimentos. Elas configuram-se como ferramentas de comunicação e expressão que propiciam a interação e a troca de informações entre as pessoas, atuação no espaço geográfico onde estão inseridas, bem como a formação cidadã. Fonseca (2003) afirma que:

> A formação do cidadão se inicia e se processa ao longo de toda a sua vida nos diversos espaços de vivência. Logo, todas as linguagens, todos os veículos e materiais, frutos de múltiplas experiências culturais, contribuem com a produção/difusão de saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, tais como os meios de comunicação de massa – rádio, TV, imprensa em geral -, cinema, tradição oral, monumentos, museus etc. (FONSECA, 2003, p. 164).

Neste sentido, as linguagens, sejam elas escritas, corporal, sonora, imagética ou digital (BRASIL, 2018), exercem um papel importante no desenvolvimento do indivíduo, pois elas possibilitam a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio, além de propiciar a comunicação e a integração social. Elas são um conjunto de

ações que servem como uma forma de articulação para as mais diversas maneiras de relacionamento entre os seres humanos.

As linguagens são produções artísticas, culturais e intelectuais realizadas a partir das ações humanas, das suas experiências de vida, sentimentos e crenças; são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, levando em consideração o contexto socioespacial no qual os indivíduos que as produzem estão inseridos. As linguagens ampliam as potencialidades do intelecto humano e colaboram para a facilitação da apreensão do conhecimento, bem como a mobilização de diferentes saberes; empregadas com a finalidade de educar, ampliam as possibilidades de sucesso do educador, como mediador do processo de construção do conhecimento, e do educando em aprender.

Através da música, do teatro, da dança, do cinema, cada um com suas especificidades, são produzidas e transmitidas mensagens que, ao serem recebidas, podem ampliar as percepções e compreensões do mundo (BRASIL, 2018), o qual está impregnado por signos, códigos e linguagens que são interpretados de diferentes maneiras e em diversos espaços, não sendo restritas apenas ao espaço escolar.

Esses diferentes espaços educativos, como as ONGs, associações, grupos informais, família, igreja, entre outros que utilizam uma didática diferenciada da escola e geralmente não são obrigados a apresentarem programas de ensino padronizados e normativos, usam as diferentes linguagens como ferramentas para que o indivíduo possa relacionar o conteúdo que está sendo discutido com a sua realidade, proporcionando a construção de conhecimentos, de forma dinâmica e prazerosa, priorizando sua bagagem de vida e considerando os fundamentos necessários para a construção da aprendizagem, que é a relação do sujeito com o meio onde vive e com os outros sujeitos. Sobre esta questão Katuta (2007, p. 235) afirma que:

> As letras das canções, as poesias, os textos em prosa, as pinturas, as histórias em quadrinhos, os filmes, as telenovelas, entre outros, apresentam as espacialidades vivenciadas pelos diferentes grupos sociais. São formas de registro das Geografias de cada um de nós.

Conforme o enunciado da autora, podemos considerar que a produção do conhecimento não está restrita à instituição escola, sabemos que os indivíduos conseguem aprender em diferentes espaços, realizando diversas atividades e reflexões. Vale salientar que a educação está intrinsicamente ligada ao ser humano, à sua forma de ser, conviver e pensar na sociedade, logo, ela se faz presente em todas as ações humanas, sendo posta em prática a todo instante. Nesta perspectiva, Brandão (2007) afirma que:

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias Educações. (BRANDÃO, 2007, p. 07).

De acordo com a autora, o uso de diferentes linguagens para a educação geográfica se faz necessário, tendo em vista que elas podem auxiliar os indivíduos a entenderem e apreenderem o conhecimento acerca do espaço geográfico, suas contradições e mudanças. Neste sentido, a educação aparece como algo além da sala de aula, de um livro didático ou um currículo prescrito. Perpassa as paredes da escola e, tem um sentido mais amplo e diversificado. Sobre esta questão Von Sinson, Park e Fernandes (2001), sinalizam que:

> O termo educação abrange um universo que extrapola os muros da escola, instituição com papel central na formação dos estudantes que por ela passam, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade. As especificidades da educação, no seu sentido mais amplo, são muitas. Entre elas a educação não formal, uma modalidade que vem ocupando um espaço significativo no cenário nacional e que, por isso, vem merecendo atenção por parte de diferentes segmentos da sociedade (VON SINSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 9).

Por conseguinte, de uma forma ou de outra, todo sujeito é agente de um ato educativo que não depende de um espaço previamente delimitado e nem de um período de tempo estabelecido, ou seja, a educação não se limita à escola. Por isso, a importância de se valorizar a sociedade civil organizada e demais instituições sociais como instrumento fundamental para a construção do ser participativo na sociedade, pois, cada sujeito é único e, cada um constrói uma visão diferenciada do espaço onde vive. Cada um recebe, projeta e apreende as informações de maneira distinta, de acordo com suas experiências de vida, sua identidade, seu cotidiano e suas crenças.

Sobre a questão do processo educativo em espaços não escolares, o grupo focal de mulheres relatou que o espaço da sala de aula não tem dado conta de formar o indivíduo em todas as suas esferas - social, cultural, política, ambiental-, por isso outros espaços, para além da escola, também colaboram para a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade. Uma participante do grupo afirmou que:

> Eu acredito sim que há formação, processo educativo para além da escola. A gente não pode pensar a educação apenas restrita ao espaço escolar. A gente vai para a escola aprender conteúdos específicos da escola, e que a gente não conseguiria ver em outros espaços, mas, também a escola não consegue dar conta de aprender, de enfatizar as modalidades artísticas, todas as modalidades esportivas, religiosas, que contribuem sim para a formação dos indivíduos, porque essas pessoas convivem com as diferenças de opiniões nesses espaços, tem acesso a outras culturas e vivências, convivem com pessoas diferentes e, eu acho que nesse sentido a gente passa a ser mais tolerantes, por meio da arte, da

> conversa, do texto, seja lá onde for, por meio da música, do teatro, do esporte, a gente está interagindo com outras pessoas e, esse espaço de interação não se dá só na escola onde a gente aprende um conteúdo específico[…]. [sic] (Participante- Grupo Focal- Mulheres- Agosto/2016[1]).

O relato da participante do grupo focal com mulheres dialoga com a afirmação dos teóricos citados anteriormente, entendendo que a educação não abarca apenas o espaço escolar, ela tem um caráter mais abrangente, que ultrapassa os conteúdos específicos da sala de aula. E que por diversos motivos, a escola, muitas vezes, não consegue integrar conhecimentos e modalidades artísticas, esportivas e religiosas, mesmo que estes estejam presentes no planejamento curricular. Nesse sentido, os espaços não escolares surgem como locais de interação e de produção de conhecimentos.

O enunciado da participante do grupo focal de mulheres chama a atenção também para a questão da finalidade dos conteúdos transmitidos na escola. Sabemos que no modelo de sociedade em que vivemos, a instituição escolar, por diversas vezes, é utilizada como veículo para alienação dos indivíduos, e como máquina para manutenção de uma sociedade desigual e hierárquica, mantida pela classe dominante e o aparelho estatal. Com base em pesquisas realizadas a respeito do surgimento da educação não formal no Brasil Gohn (2005, p. 69) nos diz que esses espaços de produção do conhecimento, também denominados de não escolares surgiram,

> […] pela preocupação econômica e social que o país viveu e vive nos dias atuais. Com o aumento da massa e a globalização ficou muito difícil o governo tomar conta de tudo e levar todo o tipo de conhecimento, principalmente para os que chamamos de "excluídos". A educação formal não está conseguindo agregar de forma eficaz a formação de crianças, jovens e adultos que vivem em uma classe social menos favorecida e estes acabam sendo deixados de lado, não só pelo lado intelectual, como também pelo social e econômico.

Nesta perspectiva, a educação não formal no Brasil surge para atender a uma classe menos favorecida que, por razões econômicas e políticas, são excluídas nos espaços formais, tendo seus interesses sociais e econômicos deixados de lado. O participante do grupo focal realizado com jovens afirmou que:

> A escola é muito limitada pelos padrões políticos e pela burocracia. O material didático por exemplo, muitas vezes é, de certa forma, manipulado por quem fabrica esse material, já os grupos não formais, não precisam seguir uma linha de conteúdos que já foi estabelecido, eles têm mais autonomia para discutir aquilo que acham importante e por isso estão mais próximos da nossa realidade, as discussões vão surgindo de acordo com a necessidade e a realidade das pessoas que fazem parte daquela atividade, é uma troca de

[1] Relato concedido pelo grupo focal realizado com mulheres, na cidade de Serrolândia-Bahia, em 13 de agosto de 2016.

> experiências e não uma transmissão. [sic] (Participante-Grupo Focal-Jovem-Julho/2016[2]).

De acordo com a afirmação do participante do grupo focal de jovens, percebemos que a educação não formal, ou educação em espaços não escolares, é aquela que apreende a realidade através do compartilhamento de experiências e vivências, em ações e espaços coletivos, criados por grupos sociais, associações, entre outros que visam a formação do indivíduo de forma integrada e flexível, principalmente no que se refere à não fixação de tempos e locais de aprendizagem (AFONSO, 2002). Enquanto a educação formal, tem lugar nas escolas, colégios e instituições de ensino superior, possui currículos e regras de certificação claramente definidos, a educação não formal é um processo de aprendizagem social, centrado no educando, através de atividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal e sendo complementar deste.

Brandão (2007, p.13) afirma que: "[...] a educação existe onde não há escola e por toda a parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criado a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado". Desta forma, a educação pode se dar de diferentes maneiras e em diferentes espaços. Ela pode acontecer sem seguir uma lógica, currículo e estrutura pré-estabelecida. Adapta os seus conteúdos à realidade dos indivíduos, de forma que proporcionem a realização dos desejos e necessidades das pessoas.

No campo da educação geográfica, alguns teóricos afirmam que a educação espacial muitas vezes é desprezada nas instituições de ensino formal, e explicam que isso acontece porque conhecer o espaço geográfico e entender os processos que fazem parte da sua construção e transformação é algo libertador, que pode conduzir o indivíduo à transformação da sua realidade. No entanto, essa libertação não é de interesse para o sistema capitalista, pois, a mesma possibilita a transformação de cidadãos passivos em cidadãos ativos, que passam a intervir na sociedade. Essa realidade intriga muitos pesquisadores a refletirem e formularem algumas questões que possam nos levar à compreensão desse paradoxo. Cavalcanti (2001), traz em seus estudos alguns questionamentos acerca destas contradições:

> A Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico. Porém [...] por que o conhecimento geográfico, que é considerado tão útil à prática social cotidiana, é tão desprezado na escola? Por que a prática espacial é tão presente no cotidiano das pessoas e na escola ela não é valorizada da mesma forma? (CAVALCANTI, 2001, p. 129).

[2] Relato concedido pelo grupo focal de jovens, realizado na cidade de Serrolândia-Bahia, em 23 de julho de 2016.

De acordo com a autora, neste cenário de intensas contradições e descaso, a educação em espaços não escolares apresenta-se como uma aliada para a ressignificação da educação geográfica. Desta maneira, os espaços não escolares podem contribuir, em sua prática diária, para a formação de cidadãos ativos que consigam ler e transformar o espaço no qual estão inseridos e ao mesmo tempo construam aprendizagens significativas e tornem a geografia mais do que uma mera ilustração (CALLAI, 2014).

Para tanto, é de fundamental importância uma educação geográfica que nos permita construir um olhar crítico acerca das transformações nos espaços em que estamos inseridos e, dos agentes que as realizam. A educação geográfica se dar não apenas no espaço da sala de aula, por meio de conteúdos curriculares, mas em todos os espaços de nossa existência, pois a geografia está presente em nosso dia a dia, segundo Kaercher (2003, p.11), "[...] a geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Devemos romper então com aquela visão de que geografia é algo que só veremos em aulas de geografia". Ela se manifesta através das experiências e relações que estabelecemos cotidianamente com outros indivíduos e com o meio em que vivemos, nos permitindo compreender a sociedade e o mundo e produzir conhecimentos, possibilitando a formação de cidadãos que tenham uma consciência crítica, ou seja, pessoas capazes de analisar o espaço onde estão inseridos, levando em consideração os processos que o modifica e, que veem a realidade como algo mutável. Paulo Freire, (2005, p. 33) afirma que:

> O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora.

Desta forma, a educação geográfica visa a formação do sujeito em suas múltiplas dimensões - ética, social, ambiental e espacial – contribuindo para a construção de cidadãos que possam pensar e atuar no mundo de forma ativa, contribuindo para a edificação de um mundo mais solidário e menos desigual. Sobre esta questão Castellar e Vilhena (2010) afirmam que:

> A educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural; na compreensão perceptiva da paisagem que ganha significados, à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 15).

Considerando a perspectiva das autoras, para compreender e intervir na realidade, as diferentes linguagens podem ser utilizadas como instrumentos de aprendizagem que viabilizam a construção de conhecimentos. Tendo em vista que, o mundo atual está impregnado por signos, códigos e linguagens que são interpretados de diferentes maneiras, essas diferentes interpretações contribuem para o processo de apreensão e construção do saber. Neste sentido, uma linguagem produzida pelo homem e, que pode auxiliar na apreensão e compreensão de temas vinculados à ciência geográfica é o teatro. A seção a seguir trata das contribuições desta linguagem artística para a construção de conhecimentos geográficos.

Contribuições do teatro para a construção de conhecimentos geográficos

O teatro apresenta-se como uma forma de discutir questões que fazem parte da vida em sociedade, possibilitando o diálogo entre ciência e arte, e demostrando que o conhecimento pode ser construído em diversos espaços. Essa manifestação artística baseia-se na expressão corporal, na fala e nos gestos, e busca compreender e interpretar a realidade humana, com suas inquietações e emoções, de forma lúdica e educativa. Portanto, o teatro pode ser utilizado como um instrumento de transformação social por meio da prática da educação geográfica.

De acordo com Boal (2008), o teatro "[...] é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade pode nos ajudar a construir o futuro em vez de mansamente esperarmos por ele". (BOAL, 2008, p.14). Através da sua prática lúdica e subjetiva de representar a realidade, esta linguagem artística pode se configurar como um importante instrumento para a apreensão do conhecimento a partir das mensagens, histórias e códigos utilizados.

Nesse sentido, o público de uma peça teatral não apreende a mensagem que está sendo transmitida de forma passiva, os espectadores recebem a mensagem, a interioriza e interpreta de acordo com seu ponto de vista, mas, levando em consideração a forma como a mensagem foi transmitida. Desta forma, há um processo de interação e compartilhamento de discursos e conceitos, proporcionando um intercâmbio de conhecimentos entre os indivíduos de um determinado grupo social.

Nesse caso, o teatro se apresenta como uma linguagem artística, que através do texto, das expressões corporais, da voz, do cenário, pode levar o sujeito a pensar criticamente a temática que ele está assistindo, e através da interação público - peça,

pode ocorrer a aprendizagem. Sobre esta questão, uma participante do grupo focal realizado com mulheres afirmou que.

> Todas as peças que eu assisti do Artefato me fizeram refletir e trouxeram algum aprendizado, porque eles [artistas] trabalham com temas que estão muito próximos da nossa realidade, […] nos vemos nos personagens e em algumas cenas, e esses ensinamentos, de alguma forma, nos transformam, depende da nossa interpretação. Os artistas que estão interpretando determinada cena transmitem um conhecimento [sic]. (Participante- grupo focal- Mulheres- Agosto/2016).

O enunciado da participante do grupo focal, evidencia que as peças teatrais do grupo Artefato assistidas pela mesma contribuem para a construção de conhecimentos e, que ela acredita que há um compartilhamento de experiências entre os artistas que estão atuando em determinada peça e as pessoas que estão assistindo, e cada espectador tem uma visão diferenciada da mensagem que está sendo transmitida durante os espetáculos.

Portanto, as manifestações artísticas não podem ser vinculadas apenas à estética, à ideia da contemplação, do lúdico. Elas são frutos de uma sociedade e trazem consigo as transformações espaciais e temporais que vivenciaram. Por isso, podem contribuir geograficamente para o entendimento dos fenômenos que ocorrem na vida em sociedade. Logo, arte é conhecimento, na medida em que envolve a história, a sociedade, o espaço geográfico e a vida.

O teatro traz em si tantas possibilidades por ser algo dinâmico e mutável, que se torna difícil delimitar um significado para o mesmo. Na leitura de Boal (2008, p.13) "A palavra "teatro" é tão rica de significados diferentes - alguns se complementando, outros se contradizendo! – que nunca sabemos ao certo o que estamos falando quando falamos de teatro". A multiplicidade de seus significados gera contradições, mas, também riquezas, levando em consideração o vasto campo de estudos que o teatro pode englobar.

Trataremos de teatro na perspectiva da capacidade do ser humano de observar e interpretar sua realidade, como uma forma de arte pautada nas experiências humanas, em seus sentimentos e emoções. Vale salientar que a origem do teatro está ligada à origem humana e, remonta ao homem primitivo e suas práticas diárias como, a pesca, a caça, os rituais. Na pré-história ainda não existia uma linguagem codificada, logo quando algum indivíduo queria se comunicar com outro utilizavam as expressões corporais. Segundo uma fábula chinesa muito antiga, citada no livro "Jogos para atores e não atores" de Boal (2008), o teatro foi descoberto por uma fêmea pré-humana que viveu há dezenas de milhares de anos, que na sua prática cotidiana, a partir da relação com o

outro já fazia teatro, porém, não tinha consciência da sua prática. Sobre a descoberta do teatro, Boal (2008, p.15) aponta que:

> Os homens, por sua vez, apoderaram-se desta arte maravilhosa e, em algumas épocas, chegaram a excluir as mulheres como atrizes- como no tempo de Shakespeare, quando rapazes interpretavam rainhas e princesas. Pior ainda, nas representações das tragédias gregas, as mulheres (algumas vezes) não eram admitidas nem se quer como espectadoras.

Percebemos aí que desde o princípio o teatro era utilizado para disseminar ideais e convicções de uma sociedade em uma determinada época. Neste caso, vimos que a desigualdade de gênero era fortalecida pela imposição feita às mulheres, que em diversos períodos da história foram impossibilitadas de praticar ou assistir teatro.

Por conseguinte, Peixoto (1998) assevera que a ideia de teatro como conhecemos hoje teve sua origem no século VI a.C., na Grécia, surgindo das festas realizadas em homenagem ao deus Dionísio, deus do vinho, do teatro e da fertilidade. Essas festas duravam dias seguidos, aconteciam uma vez por ano na primavera, período em que se fazia a colheita do vinho naquela região. Quando um participante desse ritual sagrado resolveu vestir uma máscara humana, ornada com cachos de uvas, subir em seu tablado em praça pública e dizer: "Eu sou Dionísio!", esse ato inusitado deu origem ao teatro, pois, pela primeira vez, de forma consciente, um indivíduo representava um deus, imitava outro "ser", Este homem chamava-se Téspis, considerado o primeiro ator da história do teatro ocidental. Segundo Boal (2008, p.14):

> Teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem a si mesmos em ação. Os homens são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos. Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como são agora e se imaginar como serão amanhã.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que através da prática teatral os indivíduos podem se identificar e reconhecer seus atos mediante as articulações discursivas e relações sociais estabelecidas no lugar de vivência e em conexão com o mundo. É a realidade humana sendo transmitida pelos próprios homens, refletindo seus costumes, ideais, concepções, alegrias, tristezas, cultura, é o retrato da vivência de um determinado grupo social. Courtney (2003) afirma que:

> Sendo uma atividade social, o teatro está intrinsicamente ligado as origens da própria sociedade. Todo o âmbito do jogo dramático pode ser observado em cada sociedade civilizada, variando de acordo com o desenvolvimento da civilização. De certa maneira, as origens da sociedade são as origens do teatro porque é pela personificação e identificação que o homem, em toda a história, relacionou-se com os outros. (COURTNEY, 2003, p.135).

Desta forma, desde sua origem até os dias atuais, o teatro busca a encenação de diversos momentos que são vivenciados pelo povo. O teatro pode despertar na plateia a curiosidade e o prazer, sensações necessárias para fomentar a aprendizagem e para construir o conhecimento de modo a formar a consciência espacial cidadã da realidade, a partir da construção do raciocínio e do pensamento espacial.

O teatro se configura também como um ato político, porque todas as atividades do homem são políticas, "Os que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro- e esta é uma atitude política", (BOAL,1991, p.13), essa linguagem artística pode ser utilizada, tanto para a libertação, quanto para a dominação do indivíduo, depende da forma que é praticada. Segundo Guenon (2004):

> O teatro é, hoje, veículo e metáfora desse processo coletivo de retomada do ideal iluminista e de construção de uma sociedade plural, democrática e moderna. No palco, na plateia, mas principalmente no diálogo pós-espetáculo, encontramos uma oportunidade de retomar uma experiência pedagógica que engloba a todos nós, artistas, críticos, alunos, professores, em suma, cidadãos. (GUÉNON, 2004, p. 129).

Conforme a afirmação do autor, o teatro, em sua essência, se apresenta como um propagador de ideais. É uma forma de diálogo entre os indivíduos e, uma possível ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa, na qual cada indivíduo tem a possibilidade de refletir e transformar de forma crítica seu espaço de vivência, ao passo que desenvolve o raciocínio geográfico e o pensamento espacial.

Por ser produto das manifestações humanas, o teatro apresenta diversas formas de reprodução, essas formas dependem do contexto histórico, social, político e temporal de quem o produz. A partir desta variação, surgem os gêneros teatrais que se configuram como as inúmeras maneiras de se realizar a prática teatral, dentre elas podemos destacar o auto, a tragédia, a comédia, o drama, a pantomima, o monólogo, o musical, dentre outros.

Assim como há uma variedade de formas de fazer teatro, há também uma liberdade no local onde o mesmo pode ser praticado pois, para fazer teatro não é necessário palco, cortina, iluminação ou maquiagem, embora tais elementos sejam utilizados para enriquecer uma peça teatral. Se um indivíduo resolver contar uma história para outro sob sua perspectiva de vida e, aquele que está ouvindo a história se emociona ou reage a ela com risos, falas, choro, temos então a essência do teatro, que é a de promover interação entre o ator e o público (BURLA; AGUIAR, 2009).

Na perspectiva de Maria Clara Machado (2001), o teatro possui uma tríade essencial que seria o ator, o texto e o público. O ator é aquele que representa, interpreta

um personagem, através dos seus gestos, emoções, fala, expressões corporais, ele dá vida à história que será contada na peça, nesse sentido representa um papel importantíssimo na prática teatral. O texto serve como um guia para o autor, ele traça não de forma estática e imutável, mas, sim como um roteiro, passível de mudanças, as ações que serão realizadas pelo ator. E por fim, mas não menos importante, o público, que é o real motivo do teatro, sem o público o ator não teria para quem interpretar, são para essas pessoas que toda a ação durante uma peça de teatro é dirigida, o sentido da história que é transmitida por meio da peça depende da sua interpretação, tal interpretação irá depender do modo de vida, crenças e convicções dos espectadores.

Vale salientar que, tendo um ator e o público, a prática teatral pode ser realizada em qualquer local, ou seja, não é necessário a existência de um palco para acontecer o teatro. Por esse motivo temos a prática do teatro de rua, de arquibancada e de arena por exemplo, que são modalidades teatrais praticadas em diferentes espaços.

Por sua vez, a participação num espetáculo teatral, seja como público ou como atores, possibilita aos indivíduos a oportunidade de se desenvolverem dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos e deveres, individuais e coletivos, bem como respeitando as diferenças e sabendo resolver problemas do seu cotidiano. Sobre a possibilidade que o teatro tem de modificar a postura dos indivíduos frente aos problemas sociais e a sua própria individualidade, uma participante do grupo focal de mulheres afirmou que:

> [...] eu acho que há uma possibilidade sim dessa arte melhorar a gente enquanto sujeito, enquanto cidadão e fazer a gente refletir mais sobre a nossa postura, nossas escolhas, o respeito que a gente tem que ter com o próximo, porque tudo isso pode ser discutido por meio da arte, por meio do teatro […] eu acho que o teatro, ele consegue transmitir isso muito bem porque ele lida com o visual, não só com o caricato, com a imitação, essa tentativa de representar essa realidade que nós estamos, esse cotidiano nosso, ele mostra isso de uma forma visual, une diversas linguagens, a linguagem corporal, a linguagem gestual, a fala, o cenário tudo isso dialoga com o tema da peça e se torna significativo a ponto de fazer com que a pessoa tenha um tipo de reflexão, os aprendizados são inúmeros a depender do olhar que essa pessoa venha a ter sobre esta peça. Então você pode refletir sobre este tema, ter um olhar mais sensível para uma coisa que antes você não tinha, de repente você tinha uma venda nos olhos com relação a alguns temas e após assistir uma peça essa venda pode cair. (Participante- Grupo Focal- Mulheres- Agosto/2016).

Na concepção da participante do grupo focal, o teatro, proporciona às pessoas um tipo de reflexão sobre determinado assunto, por unir diversas linguagens. A fala de um jovem, participante do grupo focal, sobre os resultados adquiridos com o teatro, reafirma o poder que esta linguagem artística tem de mudar a realidade de quem a pratica ou é espectador, ao afirmar que:

> *Acredito que os resultados serão muito significativos porque o teatro ajuda as pessoas a refletirem sobre as questões sociais e expressarem seus sentimentos, nós que assistimos as peças aprendemos através da interação com as músicas, com o texto da peça, o figurino, a maquiagem, os personagens e suas falas. É uma troca de conhecimento, já aprendi e mudei minha reflexão sobre muitas coisas após assistir uma peça do Artefato.* [sic] (Participante- Grupo Focal-jovens- julho/2016).

O enunciado do participante do grupo focal de jovens evidencia a contribuição do teatro para a construção de conhecimentos geográficos, sobretudo no que se refere à reflexão das questões sociais, o que possibilita uma leitura do mundo sob diferentes perspectivas. Desta forma, a arte teatral dialoga com a geografia por possibilitar a discussão de conceitos e temas geográficos, principalmente aqueles que fazem parte da realidade dos indivíduos, as experiências do grupo Artefato elucidadas na seção a seguir tratam desta questão.

Temáticas geográficas nos espetáculos do grupo de teatro Artefato de Serrolândia-BA

O grupo de teatro Artefato, foi fundado no ano de 2003, por estudantes, artistas e professores da cidade de Serrolândia-Ba, e desde então vem atuando no município e demais cidades da região do Piemonte da Diamantina, desenvolvendo atividades artísticas e culturais em prol da valorização da cultura popular local e do processo de formação para a cidadania, utilizando a arte como instrumento de transformação social e formação de indivíduos conscientes e ativos na sociedade.

Desde seu surgimento, o grupo realiza muito mais que atividades teatrais para diversão e entretenimento das pessoas, ele originou-se com o objetivo de envolver jovens e crianças do município em atividades culturais pois, os mesmos não possuíam acesso de maneira precária a esse tipo de atividade. Também promove, através das peças teatrais e oficinas gratuitas, a discussão e reflexão de temas que fazem parte do nosso cotidiano e estão emergindo constantemente na sociedade. Em entrevista com um dos fundadores do grupo Artefato, ele sinalizou que:

> *[...] o grupo Artefato nunca teve desde 2003 o intuito de fazer teatro simplesmente para ter uma bilheteria, ou para criar um público de teatro, [...] nós sempre tínhamos a ideia de levar um recado de ter um posicionamento político, não político partidário, mas relacionado às questões sociais. Então eu acho que até hoje o compromisso do Artefato é social, é muito forte, ligado à questão da garantia dos direitos [do cidadão], as questões políticas, pedagógicas, ligadas a arte, educação, a cultura, tanto que nós vemos aí depois de vários anos que o grupo continua fortalecendo esse legado de levar arte e educação para a população. [sic] (Entrevista-fundador do grupo Artefato. Agosto/2016).*

Comparamos a fala do fundador do grupo entrevistado, com um relato de uma integrante atual quanto à função social do grupo Artefato, e a mesma respondeu que:

> A função social do grupo Artefato abrange desde uma peça teatral com temas do cotidiano das pessoas a realização de oficinas de teatro para crianças e adolescentes carentes tirando estes de uma condição vulnerável, expostos a drogas, criminalidade e desvios de condutas, oferecendo-os um olhar diferenciado da realidade. Embora utilizamos algumas adaptações, o Artefato procura sempre está ligado a temas do cotidiano das pessoas, a seleção de temáticas voltadas para o social é sem dúvidas o ponto forte do grupo, discussões sobre política, saúde, educação, direitos e deveres, preconceito, discriminação, problemas ambientais, uso e consumo responsável de recursos naturais, estão sempre presentes nas nossas atividades. (Entrevista-integrante do Artefato- julho/2016).

Com base nos enunciados dos participantes da pesquisa, por se tratar de um grupo de arte e educação para a cidadania, que se preocupa em inserir as temáticas sociais em suas atividades, acreditamos que o Artefato contribui para a discussão, sensibilização e apreensão de temas emergentes da geografia, na medida em que suas peças levam o público a refletir sobre estas temáticas de forma dinâmica e lúdica.

Portanto, ao longo de sua história as ações do grupo vêm sendo aprovadas em editais de projetos de apoio à realização de atividades culturais, oferecidos por órgãos ligados ao governo federal e estadual, que visam o estímulo ao fortalecimento da cultura e a prática das modalidades artísticas no nosso país. A participação do grupo nesses projetos é de extrema importância para a manutenção das atividades realizadas pelo mesmo, uma vez que, os recursos financeiros são escassos, dificultando a criação e montagem de espetáculos. No entanto, o grupo se sustenta com a venda de ingressos de valor simbólico para alguns espetáculos e as oficinas funcionam gratuitamente, com o trabalho voluntário de membros do grupo.

Em 2015 este grupo se institucionalizou como associação, denominada de "Associação Cultural e Arte-Educativa de Serrolândia-Ba" (ACAES), a qual, conforme o seu Estatuto Social, caracteriza-se como uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, recreativo e cultural, apartidária, com a finalidade de atender a todos que a ela se dirigirem, independente de classe social, sexo, raça, cor ou crença religiosa.

Ao analisarmos os relatos concedidos pelos entrevistados, notamos que o Artefato mantém seu engajamento social desde sua criação até os dias atuais e, que a escolha dos temas que são trabalhados pelo mesmo sempre leva em consideração a realidade dos sujeitos e aquilo que está sendo discutido no momento em escala global, nacional, regional ou local. Neste caso, o teatro se configura como uma importante ferramenta

para contribuir com o processo de reflexão, discussão e apreensão de temas que emergem a todo instante no nosso meio e, como a geografia está em todo o lugar e é produzida por cada um de nós, ela está intrinsicamente ligada às atividades promovidas pelo grupo.

Sobre a presença da geografia nas peças apresentadas pelo Artefato, o grupo focal de mulheres respondeu que a geografia está presente em tudo e, no caso dos espetáculos os temas geográficos sempre estão em evidência, por estarem vinculados às questões sociais. Segundo uma participante do grupo:

> […] quando a gente fala de geografia, a gente se refere a uma série de aspectos, a uma infinidade de temas que estão ligados a ela, a discussão do espaço, das relações sociais, do meio ambiente, as peças do Artefato conseguiram mostrar isso. Sobre esse Nordeste mais voltado para a seca, que inclusive é uma das críticas que eu costumo fazer de mostrar uma outra representatividade do Nordeste que não apenas o Nordeste da seca, mas, também tem mostrado muito as mulheres participando, trabalhando, em cargos políticos e fazendo a sociedade refletir sobre essa desigualdade de gênero. A questão da cultura local daqui de Serrolândia como as fábricas de bolsa e o ouricuri, eu acho que de certo modo isso emerge nas peças de alguma maneira. [sic] (Participante- Grupo Focal- Mulheres- Agosto/2016).

Dialogando com o relato das participantes do grupo focal com mulheres Kaercher (2003, p.116), observa que:

> A geografia, por sua amplidão temática, por tratar de assuntos ligados à natureza e à sociedade, cada qual com suas "n" divisões, possui, por conseguinte, um amplo "laboratório" de aprendizagem. Se aprende Geografia no mundo, em outras palavras. A sua própria "definição" etimológica é levada ao pé da letra. Tudo acaba sendo pois tudo ocorre "na Terra". Ou seja, a Geografia tem um estatuto de universalidade ele é um livro aberto.

Comparando a fala da participante do grupo focal com a afirmação de Kaercher (2003) constatamos que os temas que fazem parte da ciência Geográfica, estão muito presentes nas peças teatrais desenvolvidas pelo Artefato. Que temáticas que envolvem a produção do espaço geográfico, como: meio ambiente, relações sociais, política, gênero, cultura local e questões regionais, como a peça sobre a região Nordeste do Brasil, aparecem, de alguma maneira, nas peças. Um participante do grupo de jovens acrescentou que as temáticas geográficas sempre se fazem presentes nas peças do Artefato, focando nos direitos e deveres do cidadão, tais como:

> Racismo, a questão dos povos indígenas, a desigualdade social, o meio ambiente, as questões que envolvem a política como a democracia, é, o voto consciente, a corrupção, a participação das mulheres na política, o meio ambiente, tecnologia, violência, há, são muitos, porque como o Artefato não é só um grupo de teatro mais também de educação, suas discussões nas peças sempre leva o público a refletir sobre questões sociais. (Participante- grupo focal- jovem- julho. 2016).

Com base em entrevista concedida por uma integrante do grupo Artefato percebemos que há uma semelhança entre sua fala e o relato do participante do grupo focal com jovens, quando questionada sobre como é realizada a escolha das temáticas trabalhadas pelo grupo e quais são essas temáticas e a mesma respondeu que:

> Normalmente fazemos reuniões e discutimos o que vai ser trabalhado, tanto nas peças, como nas oficinas, geralmente são temas ligados à sociedade, principalmente os que estão em discussão no momento. Já trabalhamos a questão da cidadania, política, violência, meio ambiente, gênero, desigualdade social e racial [...] sempre pensamos em levar um pensamento crítico sobre determinado assunto para o público. (Entrevista- Integrante do Artefato- Agosto/ 2016).

Notamos a variedade de temas geográficos discutidos pelo Artefato através das peças, as quais estão relacionadas ao cotidiano das pessoas, bem como aos conteúdos da Geografia escolar. No tocante à importância do referido grupo para o processo de educação dos indivíduos, todos os participantes da pesquisa afirmaram que o teatro contribui na construção de conhecimentos e formação de cidadãos. Assim, o referido grupo, em parceria com as escolas locais, pode avançar na promoção da educação geográfica por meio do teatro, possibilitando também o acesso à cultura como forma de transformação social, como assim consta no 2º Artigo do Estatuto Social da ACAES.

O grupo focal de homens mencionou a peça "Dèjá vu da Eleição", um dos projetos culturais contemplados pelo Artefato através da Fundação Cultural da Bahia (FUNCEB), no ano de 2011, que retrata a história de uma família de eleitores, em seu cotidiano, vivenciando o período eleitoral do nosso país. O texto de Ivaneide Silva dos Santos, também membro do grupo, traz reflexões sobre a corrupção entre candidatos e eleitores com a compra de votos, a existência de políticos honestos, bem como a necessidade de conscientização dos indivíduos no que se refere às propostas políticas voltadas para a administração pública. Neste espetáculo o Artefato objetivou promover uma reflexão sobre a importância da consciência de cada eleitor, no que se refere às escolhas dos candidatos políticos e a contribuição para uma mudança favorável na administração pública do nosso país. Um dos participantes do grupo focal sinalizou que:

> Déjá vu da Eleição, discutia o período das eleições, a questão da cidadania, da importância do voto, da honestidade. Depois da peça eu comecei a refletir e pensar: será que eu estou dando a devida importância para meu voto? Será que eu penso nas suas consequências? Foi interessante porque durante a peça eu me via naqueles personagens, contribuiu e muito para mudar minha postura. (Participante- Grupo Focal- Homens- Agosto/2016).

O enunciado do participante do grupo focal com homens, demostra a importância da peça para que o mesmo pudesse refletir seu papel, enquanto cidadão consciente no período eleitoral e nas consequências das suas escolhas, é interessante perceber que ele como espectador da peça enxergou-se no personagem e, isso contribuiu para mudar sua postura sobre a temática discutida, então houve uma troca de conhecimentos entre os atores da peça e o participante que era espectador.

Outra temática presente na peça Déjá vu da Eleição refere-se às questões de gênero. Vivemos em um país marcado pela desigualdade exorbitante entre homens e mulheres e, quando uma peça de teatro traz uma mulher como destaque na política, desconstrói o estereótipo de que o "lugar da mulher é na cozinha". A figura 01 a seguir retrata uma cena da peça Déjá vu da Eleição, com uma candidata a deputada estadual e uma assessora mulher. A peça aborda ainda a importância do voto consciente, a existência de políticos honestos e o processo de corrupção durante o período eleitoral.

Figura 01: Peça Déjá vu da Eleição do grupo Artefato



Fonte: Arquivo da Associação Cultural e Arte-educativa de Serrolândia, 2016.

A figura 01 apresenta uma cena de comício em que a candidata ao cargo de deputada e sua assessora política são mulheres, o que confirma a necessidade de refletirmos, através da tragicomédia, sobre a importância da participação da mulher no cenário político e demais espaços sociais de nosso país. A discussão sobre gênero torna-se cada vez mais necessária na sociedade contemporânea, pois precisamos enxergar o sujeito para além do fator biológico, temos que entender suas escolhas, as emoções e atitudes que regem sua vida. Desta forma, essas temáticas devem ser discutidas em todos

os espaços, e sob vários pontos de vista, no caso da geografia temos que entender que antes de tudo somos agentes participantes e transformadores do espaço geográfico, independente de sermos homens, gays, travestis ou mulheres.

Outro espetáculo mencionado pelos participantes da pesquisa foi "O Cidadão de Papel", do texto de Filinto de Coelho, baseado no livro "O Cidadão de Papel" de Gilberto Dimenstein, e adaptado pelo grupo Artefato. Esta peça traz uma colagem de cenas que retratam temas como violência, gênero, desigualdade social, política, racismo, cidadania enfim, temas relevantes que fazem parte do nosso cotidiano. Um participante jovem do grupo focal afirmou que esta peça, "pela sua relevância política, chama a atenção de públicos diferentes porque ela aborda uma variedade de temáticas que estão no nosso cotidiano e quando vemos de uma outra forma, com um novo olhar, nos chama a atenção". (Participante- Grupo Focal- Jovens- Julho/2016).

A figura 02 mostra uma comparação entre duas famílias, uma de classe média alta e a outra de classe média baixa, ambas vivem no Brasil, mas, parecem estar em mundos totalmente diferentes.

Figura 02: Família Rica, e família pobre- cena da peça Cidadão de Papel



Fonte: Arquivo da Associação Cultural e Arte-educativa de Serrolândia, 2016.

Sobre as duas cenas representadas pela imagem 02, um participante do grupo focal com homens descreveu que:

> Aquela cena da família rica e da família pobre no cidadão de papel é muito interessante, na hora que estamos assistindo a peça é muito engraçada, o pai da família rica fala que vai fugir do país por que os pobres estão invadindo tudo, aí a mãe pobre vai para a fila do SUS e não sabe dizer a filha quando vai voltar, tem que levar até alimentos pois, não sabe o tempo que vai ter que esperar. Quando paramos para refletir, percebemos que essa é nossa realidade, que

> vivemos em um país marcado pela desigualdade social, pela miséria, por um sistema de saúde fracassado, e nesse mesmo país temos famílias que vivem tão diferente, uma vai passar as férias na Disney, outra vai para a fila do SUS e não sabe quando vai voltar. A cena me trouxe uma reflexão sobre o país que nós vivemos e se é esse o lugar que queremos para nossos filhos e netos (Participante- Grupo Focal- Homem- Setembro/2016).

O relato do participante do grupo focal de homens, evidencia que a cena da peça O cidadão de papel, apresentada de forma cômica, conseguiu levar a mensagem para o público e lhe possibilitou a reflexão e apreensão de uma temática que está bem próxima da nossa realidade. A questão da desigualdade social é algo tão comum em nosso país que às vezes nem notamos quão grande são as diferenças no modo de vida de uma família rica e uma família pobre, por meio do teatro o espectador pode notar as diferenças e refletir sobre essa situação.

Podemos constatar que todos os participantes dos grupos focais, de jovens, mulheres e crianças concordam que o grupo Artefato exerce uma função social de grande importância para o município de Serrolândia e que o mesmo consegue desempenhar o papel de formar cidadãos críticos e participativos em nossa sociedade ao passo que contribui para a apreensão de temas geográficos e a construção de conhecimentos.

Considerações finais

Este trabalho revelou que o teatro, com sua ludicidade, contribui para a leitura da realidade e da prática da educação geográfica, na medida em que promove a interpretação dos acontecimentos ocorridos no espaço geográfico. Esta forma de arte, pautada nas experiências humanas, em seus sentimentos e emoções, dissemina ideias, promove reflexão e contribui para a construção de conhecimentos, possibilitando a formação da consciência crítica, bem como a transformação do mundo.

O estudo demonstrou que a produção do conhecimento não está restrita a instituição escola, pois, os indivíduos conseguem aprender em diferentes espaços, realizando diversas atividades, como exemplo as ações do grupo Artefato da cidade de Serrolândia, Bahia. Ficou evidente que o público dos espetáculos teatrais apreende as mensagens transmitidas e utiliza o conhecimento adquirido através das mesmas no contexto social em que está inserido.

A pesquisa foi exitosa, pois revelou que o referido grupo contribui para apreensão de temas emergentes da geografia, na medida em que trabalha com temas que fazem

parte da realidade social dos indivíduos e utiliza a arte para possibilitar o processo de formação para a cidadania, proporcionando ao público diversão e conhecimento por meio do teatro e da arte.

A partir da análise das falas dos participantes dos grupos focais, percebemos que o processo de apreensão de temas geográficos por intermédio do teatro não ocorre de forma homogênea, o que é positivo, pois, cada sujeito constrói sua aprendizagem de maneira diferente, interpreta uma mesma cena de diversas formas, dependendo da suas crenças, valores e convicções.

Sabemos que o processo de ensino-aprendizagem, no tocante a ciência geográfica, se configura como algo complexo, principalmente no que diz respeito à compreensão das transformações constantes do espaço geográfico. Ao mesmo tempo, entendemos que a educação geográfica é extremamente importante para formar sujeitos capazes de ler e transformar sua realidade. Portanto, reconhecemos a importância de utilizar diferentes linguagens para possibilitar a construção de conhecimentos geográficos e facilitar a leitura de mundo.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Almerindo Janela. **A crise da escola e a educação não-escolar.** In: Jornal A Página da Educação, ano 11, n. 10, março de 2002, p. 27. Disponível em: <http://www.a-pagina-da-educacao.pt/>. Acesso em: 10/11/2014.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ARTE-EDUCATIVA DE SERROLÂNDIA BAHIA – ACAES. **Estatuto Social.** Serrolândia, 2015.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6 ed- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Ensino Médio. Brasília/ DF, 2018.

BURLA, Gustavo; AGUIAR, Valéria Trevizani Burla de. **O teatro e o ensino de Geografia.** 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia- ENPEG: Porto Alegre, 2009.

CALLAI, Helena Copetti. Apresentação. In: CALLAI, H. C. (ORG) **Educação Geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2014. P. 15-33.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learing, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro e Pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GUÉNON, Denis. **O teatro é necessário?** -São Paulo, Perspectiva, 2004.

GOHN, M.G. **Educação não formal e cultura política:** impactos do associativismo no Terceiro Setor. São Paulo: Cortez, 2005, p. 65-90.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia.** 3 ed. Santa Cruz do sul: Edunisc. 2003.

KATUTA, ANGELA MASSUMI. **A educação docente:** (re)pensando as suas práticas e linguagens. Terra Livre, Presidente Prudente, v. 1, n. 28, jan./jun. 2007.

MACHADO. Maria Clara. **O Tablado.** São Paulo: Agir, 2001.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro.** São Paulo: brasiliense, 1998.

VON SINSON, O.R.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (orgs). **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas, SP: Editora Unicamp/Centro de Memória, 2001.

Recebido em 12 de fevereiro de 2020.

Aceito para publicação em 13 de outubro de 2020.